

CRÓNICA

A esplanada com namoricos no jardim do mar aos pés...

Na primavera geralmente cantam pássaros. São guerreiros no ciclo lunar também amoladores ambulantes concertam guarda-chuvas em bicicletas e têm canto idêntico. Ambos despertam madrugadores. Mesmo que as primaveras periclitem. A passara agitada madrugada para fazer criação, os amoladores com os beijos enlevados no som da gaita redigem a miséria da estrada. Ambos conseguem estóicos estorvar finitudes nocturnas com prenúncios raiados de luz fresca, ensonada e mescla. Outros tendem desfolhar os malmequeres bem me querem mal me querem, descarregá-los na foice dos dedos. Então pela adolescência na primavera até juram-se amores debaixo dum céu que se deixa ver mais limpo. Na primavera, o meu amigo Mário há muitos anos, sente a diabetes possante na gula que a ciência estuda travar. Mas na primavera a noite acontece perdulária na força ou então resiste menos aos indícios da canícula vizinha. Há mais vezes o sol na fluência madrugadora ele próprio altivo. Por isso a noite mais corrida porque o dia acontece clarividente, esgueira-se entre estrelas suspensas como se quisesse ir no barco que passa frente ao Bugio. Menos para os cegos. Estes têm uma noção das estações talvez mais rica, nos seus prenúncios estremecerem como sopros, talvez que até tenham vocábulos para todas as rosas e todas as folhas. Talvez um brilho no silêncios dos olhos que têm fábula ou fibras ou corolas que nascem do vazio. Felizmente o Mário não é cego. Lê muito, ainda continua fazê-lo a gozar nesse prazer a mímica porque a noite foi feita para esperar. Mas primaveras elas todas que venham. Sei, o Mário agradece eu também, como ainda hoje. Num regalo primaveril conhecemo-nos.

Desde aí vínhamos para a esplanada *Marmelada* com o mar aos pés falar de livros como que esfregarem-nos os sovacos. Nesse regalo primaveril conjecturámos projectos de escrita para edição que apelidamos *Caixa de Pandora*. Cruzávamos a empatia no jardim de Paço de Arcos numa mocidade comum conivente entre a bisca nas cartas o namoro secreto de cada um do grupo, sigiloso quase divino nas promessas roçarem a lua e os interesses dos pais. Todos no grupo tínhamos devaneios nos trajas nos corpos bronzeados a exalarem *patcholi*. Na igreja



dominicalmente os nossos pais não viam nossos rostos virados para olhos vidrados nas promessas indistintas das moçoilas e vice-versa. Um tempo lindo em que nos conhecemos. Venerávamos para deleitarmo-nos espriar em camaradagem, servir de pau-de-cabeleira uns aos outros, atados como fateixas nas pedras. Era aí 1970 e picos, sei, depois de Abril com pólenes esvoaçantes... até os pássaros cantavam como hoje fazem, a vila é ligeiramente diferente, é verdade, o tabaco já não se compra na esplanada do *Marmelada* nem se discursa acerca da ignorância nem doutos oradores existem. A esplanada do *Marmelada* no jardim de Paço de Arcos servia chá, matraquilhos, barrelas de almas políticas, velhos afoitos nas discussões das ampulhetas do tempo em areias relevadas, raparigas que

bebiam café de cabeleira longa pronunciadas nas ancas sob ganga chegada à metrópole. Paço de Arcos do jardim mais perto do mar da marginal para aí nesse tempo que o mar saltava mais e o circo da feira anual sobranceiro. Eu falava ao Mário dos palhaços que achava piada interessante. Ele falava-me dos conceitos políticos, das bases que originaram o contrato social, as suas implicações de viver socialmente. Eu sabia, o Mário é filho de militar. Ambos cruzávamos como hoje a vida prematuramente na educação exigente para respostas válidas. Eu não era diferente. Apenas nesse

tempo quando a primavera afectava-me a sinusite, deixava lentamente os livros do liceu para ir tentar as respostas na poesia e ganhar dinheiro em trabalhos precários. Volta e meia, ainda hoje, caminhamos estradas de amoladores com beijos nas gaitas e árvores onde pássaros fazem amor. O Mário escreve e tem um blogue interessante: *Sombras Azuis*. Dele este poema (fragmento)...

*o leve ondular
do teu magnífico
seio aveludado
como que tocado
por um poeta
e por um anjo
em simultâneo*

*lentamente apaixonados
doentes de amor
(porque tu
que és bela
e perfeita
como
uma rosa acabada
de desabrochar)
envenenas de morte
quem te toca
o maravilhoso mamilo
suave castanho
erecto
de desejo
numa viagem de morte
com um velho lobo do mar
que de antemão
sabe ir
naufragar
no teu corpo...*

Paço de Arcos, Abril 2009